

UM CONVITE PÚBLICO AO IMAGINÁRIO DO LEITOR OITOCENTISTA EM “BONS DIAS” E “AQUARELAS”.

NELSON DE JESUS TEIXEIRA JÚNIOR (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ).

Resumo

Este trabalho visa estudar, por meio de uma análise comparativa e interpretativa, as crônicas machadianas datadas de 25 de Setembro de 1859 e 27 de Abril de 1888, refletindo sobre como se dá, nessas narrativas, a provocação ao imaginário do leitor oitocentista carioca, provocação esta que não o afastaria da leitura, ao contrário, seria um atrativo para que se formasse o gosto pela leitura literária. Serão separados, analisados, comparados e interpretados fragmentos dessas narrativas que apontem para os pontos de indeterminação enquanto “janelas abertas” ao imaginário do leitor oitocentista, refletindo sobre como, no ato da leitura, esse imaginário poderia ampliar, das mais variadas maneiras, os caminhos de intervenção nos referidos textos, construindo um encontro dialógico entre texto e leitor. Deve-se ressaltar que todo o estudo está baseado não em dados empíricos, mas na interpretação das estruturas que se configuram como “leitor implícito” nas crônicas em questão. Tais crônicas, pertencentes às séries “Aquarelas” e “Bons Dias”, foram escritas em forma de mosaico, trazendo os mais variados assuntos do dia-a-dia fluminense, abordados sob diferentes formas pelo narrador machadiano. Pretende-se discutir a relação entre as crônicas enfocadas e o leitor do oitocentos carioca, à luz das Teorias de Wolfgang Iser, Robert Scholes, Costa Lima e outros, observando como o interlocutor poderia ser levado a construir, por meio do seu imaginário, novos significados para esses textos que circulavam pelo espaço carioca no dezenove.

Palavras-chave:

Leitor., Imaginário., Crônicas machadianas..

[*]A visão imagística da imaginação não é, portanto, a impressão de objetos em nossa “sensação” [...] tampouco é visão ótica, no sentido próprio da palavra, senão a tentativa de representar-se o que na verdade não se pode ver como tal. (Wolfgang Iser, **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético, p. 58)

Conforme reflete Iser, a visão imagística da imaginação permite “ver” o que não está evidente aos olhos, conduzindo-nos com isso, a perceber que por meio do imaginário o interlocutor vai além do visível. Essa atividade descrita, evocada pelo teórico alemão, remete ao imaginário enquanto ação interventiva sobre o que se lê

e permite entender que por mais “fechado” que pareça o texto ou qualquer objeto a ser lido, o interlocutor pode ampliar seus *horizontes de expectativas* durante a recepção, o que nos permite enxergar o imaginário enquanto uma ação imprescindível no ato da leitura. Entretanto, é preciso entender como o texto convida o leitor a dialogar por meio desse imaginário e, nesse caso, estudaremos em algumas narrativas machadianas os *pontos de indeterminação*[1] enquanto “portas” abertas à intervenção imaginária do leitor, posto que alguns textos ficcionais trazem em suas estruturas pontos que requerem do interlocutor, habilidades leitoras para construir o sentido do texto.

Estudar os *pontos de indeterminação* nas crônicas de Machado de Assis, embora pareça um tipo de estudo obvio por se tratar de textos com caráter fragmentário, como são essas narrativas, configura-se como uma tarefa desafiadora, visto que de maneira magistral o narrador machadiano consegue costurar as diversas informações que se presentificam nesses textos. Entretanto, mesmo conseguindo estabelecer relações dentro dessa colcha de retalhos, o cronista faz citações relâmpagos que requerem do leitor um conhecimento prévio para atribuir significados maiores a essas narrativas. Nesse estudo, o desafio se lança sobre as crônicas datadas de 25 de Setembro de 1859 e 27 de Abril de 1888, narrativas que trazem em si, diversos *pontos de indeterminação* que convidam o leitor a, por meio do seu imaginário, construir significados no ato da leitura.

Em “Aquarelas”, textos publicados durante a década de 59 do século XIX no periódico “O Espelho”, na crônica datada de 25 de setembro de 1859 o narrador machadiano traz como assunto a lenda do marinheiro batavo que lutou bravamente no mar. Por ser um assunto histórico, pois se tratava de uma tentativa de invasão holandesa à Bahia, o narrador re-discute algumas páginas da história do povo brasileiro, o que convida o leitor em questão a fazer algumas relações entre a história nacional e suas simbologias. Não bastasse ser um assunto antigo que trazia consigo alguns momentos envolvendo França, Holanda e outros Países Baixos... há nesse texto a presença de alguns *pontos de indeterminação* que convidam o leitor da época a fazer um passeio entre a mitologia antiga, o conhecimento cotidiano e, ainda, certa habilidade leitora em costurar relações entre o que foi citado e suas possíveis representações dentro dessa crônica em estudo.

No primeiro trecho escolhido para a análise (ASSIS, 1970), o narrador cita as desventuras no mar vividas pelo marinheiro batavo, o qual é desenhado como um herói mitológico que luta contra o oceano e vence os elementos cósmicos

adversos e, como Vasco da Gama, cantado por Camões, passa pelo cabo das tormentas:

Aproximava-se do cabo tormentoso, onde o mar parece abrir uma porta do inferno. Aí, levado pelas convulsões terríveis da água embravecida, e pelo rebentar furioso da tempestade, naufragou. Só sobre os destroços de seu navio, Mário do mar, sobre ruínas de uma Cartago ambulante, tentou, com a pertinácia que caracteriza os filhos de sua pátria, atravessar aquele cabo tão celebrado por Camões. (p. 41)

No fragmento acima, notamos a presença de uma palavra que traz consigo uma carga de informações necessárias que não se presentificam na narrativa e necessitam do conhecimento prévio ou "inventivo" do leitor. A cidade de Cartago foi uma potência na Antigüidade, disputando com Roma o controle do mar Mediterrâneo e, dessa disputa originaram-se as três Guerras Púnicas, após as quais Cartago foi destruída. Nessa citação existente no texto, o leitor é convidado a fazer, por meio de seu imaginário, uma relação entre Cartago e a navegação do marinheiro batavo.

Apropriando-se da idéia do que representava Cartago no passado, o interlocutor pode lançar mão de várias leituras, dentre as quais, a de que a embarcação do herói dessa crônica era forte e, pela destruição sofrida por essa embarcação, podia-se medir a violência do mar sobre o lendário marinheiro, o que conduz o olhar do leitor ao tipo da força desse herói, que ultrapassa o poder da antiga Cartago, conseguindo sobreviver a tal feito. Com isso, podemos perceber que a citação relâmpago da cidade de Cartago convida o leitor a realizar uma migração, não exatamente da história, mas da representação dessa cidade no passado para o tamanho da conquista do lendário marinheiro.

Por outro lado, não é apenas a leitura clássica que é convidada a ser efetuada nesse texto, visto que o leitor pode, dentre suas habilidades leitoras inventivas, entender que a Cartago se configura como o nome de batismo da navegação do herói e que sua cidade (o navio) se encontrava em pedaços frente à violência do mar.

Quanto a essa versatilidade necessária para o leitor realizar as devidas relações entre as citações relâmpagos e o significado para o texto, vale refletir acerca da forma de intervenção sobre a obra, em cujo exercício o leitor realiza ações que se configuram no plano imagístico, tais quais: a memória de estabelecer relação entre a leitura feita a outras realizadas antes, a intervenção por meio do imaginário em atribuir significados (consagrados ou não) ao que se está compreendendo ou não... Iser, em **O ato da leitura**, reflete sobre essa ação do imaginário do leitor da seguinte maneira: “A recepção [...] é [...] o processo de experimentação da configuração do imaginário projetado no texto [...]” (ISER, 1999: 381). Esse trecho evoca, ainda, o encontro do leitor com o texto, de maneira em que o concreto (o texto) se encontra com o abstrato (o imaginário) resultando em um processo de experimentação em que ao mesmo tempo leitor e texto são influenciados no ato da recepção.

Em outro trecho dessa narrativa machadiana, nos deparamos com uma citação relâmpago e simbólica para a narrativa: “[...] um tufão violento arredava-o pra trás, e ele, de novo, como Sísifo, lá ia rolar a pedra de uma intenção de ferro. Cem vezes o vento lhe burlava esforços mais que humanos. Não se aniquilou com isso.” (ASSIS, 1970: 41). Nessa estrofe, o narrador cita a figura, também lendária, de Sísifo, um homem letrado (teria sido um dos primeiros gregos a dominar a escrita) que na mitologia grega, era considerado o mais astuto de todos os mortais e, também, mestre da malícia e dos truques que entrou para a tradição como um dos maiores ofensores dos deuses. Por toda a eternidade, Sísifo foi condenado a rolar uma grande pedra de mármore com suas mãos até o cume de uma montanha.

Mas, o Sísifo citado pelo narrador machadiano pode ser lido das mais diferentes maneiras pelo interlocutor carioca, haja vista que o mais claro no primeiro momento é que se trata de um homem e, independente de quem ele seja ou foi, no texto foi usado como um elemento de comparação entre sua força e a usada pelo herói da narrativa machadiana. Assim, saber da história consagrada de Sísifo não garante o preenchimento do ponto de indeterminação trazido pela palavra no texto, já que o leitor precisa aplicar parte dessa representação à história narrada na crônica.

Logo, o leitor é convidado a, por meio de seu imaginário, aplicar a possível leitura de que, por mais revoltado e obscuro que fosse o mar, o lendário marinheiro iria vencer as tormentas provocadas pelo oceano e, ainda que os deuses das águas estivessem contra o marinheiro batavo, ele iria vencer as batalhas e obstáculos que

sobrevissem sobre ele. Vale refletir ainda, de uma das habilidades de Sísifo, que sendo letrado, pode se beneficiar frente às diversidades enfrentadas, o que nos permite fazer uma relação metafórica como um tipo de “leitor arredio” que, fugindo às convenções de leitura convencional, consegue efetuar uma outra leitura e estabelecer relações entre o que foi lido e sua vida prática.

Esse tipo de leitor “arredio” evoca outra reflexão, agora acerca do ato de ler, posto que esse tipo de leitura constitui não apenas uma ação de relacionar o texto em leitura com outros já lidos, mas, principalmente, de criar novos textos por meio das intervenções e ressignificações feitas no texto. Essa maneira metafórica de ler é discutida por Scholes (SCHOLES, 1989) da seguinte maneira:

Dado que lemos a situação da própria leitura, o processo de inventar metáforas interpretativas e de abandoná-las depois deverá conter grande valor explanatório. Se é esta a maneira — ou uma das maneiras — através das quais lemos, a leitura toma-se então um processo criativo em que geramos, utilizamos e pomos de parte os nossos próprios textos de modo a fazer sentido o texto que ostensivamente «lemos».
(p. 24)

Esse tipo de leitura proposta pelo teórico permite-nos fazer uma associação com Iser, já que em seu livro **O ato da leitura**, o teórico alemão cita uma outra instância dentro do texto que sugere caminhos a serem seguidos pelo leitor: “Os lugares vazios e as potências de negação dirigem de maneiras diferentes o processo de comunicação [...] eles agem juntos como instâncias controladoras.” (ISER, 1999: 107). A ação inventiva de criar metáforas no ato da leitura citado por Scholes pode ser associado às *potências de negação* iserianas, visto que a metáfora recorre à comparação para estabelecer sentido ao que se lê (ou se diz) e, ainda, consiste numa alegoria entre dois elementos (ou mais) que por meio de seus significados e associações resultarão na exclusão (podendo ser entendido como negação) de alguns e sobreposição de outros. Logo, o ato de negar não é apenas uma ação típica do texto, impossibilitando algumas leituras, mas também, pode ser efetuada pelo leitor, escolhendo ler de uma forma em vez de outra (talvez, até mesmo proposta pelo texto), com isso, o ato de negar do leitor se configura como um tipo de leitura.

Mesmo essa crônica tendo um teor de epopéia, o que não implica em uma prática de leitura consagrada de visitação apenas ao clássico, como se fosse uma espécie de cântico camoniano aos feitos heróicos de um povo (nesse caso, não português), Machado de Assis não abre mão da velha e recorrente ironia, agora bem mais discreta, ao deixar suspensa uma possível leitura da história do lendário marinheiro batavo: “É opulenta de pensamento e de relevo a lenda batava, apesar de não ser original.” (ASSIS, 1970: 42). Talvez essa falta de originalidade citada se dê pela grande relação entre vários feitos já presentes em obras literárias como a de Camões, Gonçalves Dias e, também no imaginário coletivo, tendo em vista que essa história tem um caráter oral.

Em outro texto de Machado de Assis, especificamente na crônica de 27 de Abril de 1888 da série “Bons Dias”, o narrador machadiano inicia o texto tratando de questões comportamentais e, logo em seguida, cita exemplos que ocorreram consigo mesmo referente à distração. No decorrer de todo o texto o narrador ainda passeia por vários assuntos de caráter político, literário, social e artístico.

No primeiro parágrafo do texto em estudo, o narrador levanta um assunto de ordem pública, o cretinismo, entretanto, dando margem para muitas leituras diferentes. O cretinismo citado no texto requer uma leitura prévia do interlocutor de um dos seus possíveis significados na crônica, posto que, por ser a crônica um texto multifacetado e pequeno, espera-se do leitor maior atenção para construir sentidos nesse tipo de narrativa. A leitura que Gledson (GLEDSON, 1997) fez, em “Introdução e Notas em Bons Dias”, foi a de que a palavra cretinismo pode significar uma doença, entretanto, o leitor poderia entender como uma crítica à sociedade carioca, diante disso, o *ponto de indeterminação* nessa narrativa (ASSIS, 1997) se estende ao segundo parágrafo:

O cretinismo nas famílias fluminenses é geral. Não sou eu que o digo; é o Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

[...]

De mim confesso que, na rua, ando sempre distraído. Às vezes é uma idéia, às vezes é uma tolice, às vezes é o próprio tolo que me distrai, de modo que não posso, em consciência, negar nem afirmar. (p. 49)

Nos trechos acima o leitor é convidado a estabelecer relação entre o comentário sobre o cretinismo nas famílias fluminenses e a ação de sair distraído nas ruas. Nesse caso, preencher o *ponto de indeterminação* provocado pela palavra cretinismo pode ajudar o leitor a optar pelo caminho a seguir na leitura dos textos, daí, a importância do imaginário do interlocutor em combinar seu conhecimento prévio a essas “janelas abertas” que surgem nas crônicas.

Nesse fragmento da narrativa em estudo, o interlocutor, entendendo a palavra cretinismo enquanto doença (estado mórbido produzido pela ausência ou insuficiência da glândula tireóide), pode costurar uma relação com o parágrafo seguinte que trata do ato de andar distraído. Ou seja, por meio do seu imaginário, o leitor pode entender que a ação de andar distraído configura-se como uma anomalia generalizada e que, talvez, possa interferir no olhar clínico da sociedade sobre os fatos que a rodeia. Vale refletir também, acerca da relação plurissignificante que alcança a palavra cretina, visto que podemos associar ao tamanho da sociedade brasileira da época que, sendo pequena por uma “anomalia” política, necessitava de ações intelectuais e sociais que rompesse com essa anormalidade presente no espaço fluminense.

Entretanto, escolhendo-se compreender a palavra cretinismo enquanto qualidade depreciativa (cretino), o leitor pode atribuir outra relação entre os parágrafos em estudo, posto que, o andar distraído pode ser entendido, ao contrário de uma anomalia pública, como uma ação idiota – e individual – de não ter poder de concentração e desviar-se facilmente das coisas importantes da vida. Fica, assim, a reflexão de que o interlocutor pode construir caminhos e justificativas diferentes ao preencher os *pontos de indeterminação* encontrados no ato da leitura, o que faz do imaginário, um recurso imprescindível no dialogismo com essas narrativas que eram escritas em forma de mosaico e que esperavam do interlocutor, *performances* plásticas na construção de novos sentidos.

É preciso lembrar que a ação do interlocutor em não preencher esses vazios não implicará numa postura de leitura “rarefeita”, em que o leitor salta essas passagens e continua num ato de recepção obstruído pelas não-intervenções deixadas para trás. Com isso, os pontos de indeterminação configuram-se como convites ao leitor ou, como esclarece Iser em **O ato da Leitura**: “Os lugares vazios regulam a formação de representações do leitor, atividade agora empregada sob as condições estabelecidas pelo texto.” (ISER, 1999: 107). Muito embora esses vazios textuais sugiram caminhos a serem trilhados pelo leitor, o interlocutor pode, muito bem, realizar um percurso não proposto pelo texto, visto que os *pontos de*

indeterminação configuram-se como convites abertos e possíveis às mais variadas práticas de leituras.

Em outro trecho dessa mesma narrativa nos deparamos com mais um *ponto de indeterminação*, agora, bem mais difícil de preenchê-lo. Em sua organização das crônicas da série “Bons Dias”, Gledson (1997) informa em nota de rodapé desconhecer o teor da pergunta (que há no trecho a seguir), entretanto o crítico reconhece ser Araújo Porto Alegre o escritor literário citado no texto. Por outro lado, o trecho em discussão (ASSIS, 1997) suscita várias possibilidades de leitura além da feita pelo crítico:

[...] depois, piscando o olho esquerdo, creio que foi o esquerdo, perguntou-me:

_ A quantos de maio nasceu Porto Alegre?

Respondi imediatamente:

_ De porta acima.

O sujeito zanga-se, chama-me pedaço d’asno e some-se. Valha-me Deus! Estou com mais esse inimigo. (p. 50)

No fragmento acima, o leitor é convidado a construir vários significados para essa conversa que se inicia na narrativa em estudo. Mesmo entendendo ser Araújo Porto Alegre o escritor, o leitor terá outro desafio, em entender a reação do personagem frente à resposta do narrador. A partir dessa leitura levantada, podemos entender, também, que essa recepção sugerida tem plena relação com o teor da narrativa, visto que ela trata de ações distraídas enquanto traços de uma sociedade, ou pessoas, cretinas e, nesse caso, a reação do personagem à resposta se aplicaria ao pouco caso do narrador dado à pergunta feita.

Por outro lado, o interlocutor pode ler essa passagem e não conseguir preencher o ponto de indeterminação em questão, o que não o impedirá de continuar a leitura do texto, posto que a crônica permite o acesso a variadas informações ao mesmo tempo, no mesmo texto e que, mesmo não conseguindo fisgar todas as informações, o interlocutor dessas narrativas não saia sem os efeitos provocados pelo ato da leitura. Esse caráter da crônica em levar os pormenores da sociedade ao leitor implica em re-configurar a mensagem tornando-

a mais significativa para quem a recebe. Então, essas narrativas não traziam apenas os acontecimentos discutidos no cenário carioca, mas, também, as miudezas dos fatos que passavam despercebidas pelo olhar do leitor. Candido (SUSSEKIND, 1992) em seu texto “A vida ao rés-do-chão” reflete sobre esse caráter da crônica da seguinte maneira:

(...) a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas.
(p. 14)

Esse miúdo presente na citação acima não significa informações “menos importantes”, ao contrário disso, são pormenores que apontam para informações necessárias que não receberam a devida atenção, logo, a crônica exerce a função paradoxal não apenas de visitar o acontecido, mas, também, de anunciar um novo acontecimento intrínseco ao acontecido.

Assim, tanto “Bons Dias” quanto “Aquarelas” foram escritas e publicadas abertas ao imaginário do leitor, repleta de vazios que representavam a maneira suspensa em deixar informações e pensamentos flutuando dentro do texto para, por meio de suas intervenções imaginárias, o interlocutor dialogar com o texto aumentando as possibilidades de leituras... O que reforça, ainda mais, a importância dos *pontos de indeterminações* enquanto convites à interferência leitora a esses textos machadianos que tinha, por meio da agilidade típica e diária do impresso, acesso garantido aos mais variados tipos de interlocutores oitocentistas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora W. M. Jackson, 1970.

ASSIS, Machado de. **Bons Dias**. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SUSSEKIND, Flora. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético – vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1999.

ISER, Wolfgang. "A interação do texto com o leitor." In.: LIMA, Luiz Costa (Org). **A Literatura e o Leitor**: textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 83 - 132

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. In: Problemas da teoria da literatura atual. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

SCHOLES, Robert. **Protocolos de leitura**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

[1] Em seu texto "A interação do texto com o leitor", Iser (ISER, 2001) revisita a teoria de Ingarden discutindo os pontos de indeterminação enquanto geradores de possibilidades múltiplas de comunicação durante o processo da leitura. Nessa discussão, o teórico alemão cita Ingarden, referindo-se à sua forma de enxergar esses pontos de indeterminação como convites abertos que nem sempre podem ser preenchidos, assim, o repertório do leitor torna-se bastante importante no momento do preenchimento dos pontos de indeterminação.

[*] Nelson de Jesus Teixeira Júnior é aluno do Mestrado em Letras - UESC, bolsista da CAPES, e tem como orientadora (e co-autora nesse texto) a professora do Mestrado em Letras, DLA – UESC, Dr^a Patrícia K. C. Pina.